

A TEORIA DO SUBDESENVOLVIMENTO: ENTRE O CENTRO E A PERIFERIA

Rafael Gonçalves Gumiero

Universidade Federal de São Carlos

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciência Política

Resumo

O período posterior ao fim da I Guerra Mundial e a crise de 1929 introduz (a partir da crítica ao modelo econômico liberal e o surgimento das estratégias de desenvolvimento planejado e da alternativa keynesiana da regulação econômica) um novo problema de investigação: o tema do atraso e da condição de subdesenvolvimento. Em termos da literatura mundial, esta problemática foi trabalhada de maneira original e vigorosa por Ragnar Nurkse em "*Problemas de formação de capital em países subdesenvolvidos*", por Rostow em "*Etapas do desenvolvimento Econômico*", e por Gunnar Myrdal em "*Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*". Estes trabalhos e autores não apenas foram bem recebidos pela intelligentsia nacional-desenvolvimentista, como influenciaram fortemente a teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado. Neste trabalho são dois os objetivos buscados: 1) identificar no diálogo estabelecido entre os argumentos de Rostow, Nurkse e Myrdal a concordância, guardadas as suas devidas proporções na obra de Furtado (autor fundamental na compreensão da questão do desenvolvimentismo dos anos 50/60); 2) analisar de que maneira essa influência foi recebida, apropriada e ressignificada segundo as perspectivas de Furtado na formulação da Teoria do Desenvolvimento para o planejamento industrial brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: subdesenvolvimento; desenvolvimento; dualismo estrutural.

Abstract

The period after the end of World War I and the crisis of 1929 include (from the criticism of the liberal economic model and the emergence of development strategies planned and alternative Keynesian economic regulation) a new research problem: the issue of backwardness and condition of underdevelopment. In terms of world literature, this problem has been works in an original way and vigorous by Ragnar Nurkse on "*Problems of capital formation in underdeveloped countries*", by Rostow in "*Stages of Economic Development*", and Gunnar Myrdal in "*Economic Theory and Regions Underdeveloped*". These works and authors were not only well received by the national-developmentalists intelligentsia, as strongly influenced the theory of underdevelopment of Celso Furtado. This work are two objectives pursued: 1) identify the dialogue established between the arguments of Rostow, Nurkse and Myrdal agreement, kept their proper proportions in the work of Furtado (author crucial in understanding the developmental issue of the years 50/60); 2) to analyze how this influence has been received, accepted and reinterpreted from the standpoint of Furtado in the formulation of development theory for the Brazilian industrial planning.

KEY-WORDS: underdeveloped; development; structural dualism.

1. Introdução

Neste artigo, parti-se da premissa de que as teses originárias no centro capitalista, de Rostow, Nurkse e Myrdal, partilham de um mesmo momento na história, o das crises consecutivas do capitalismo global¹ e da percepção de que o atraso econômico não era

¹ Cito Hunt: "Na primeira metade do século XIX, por exemplo, os Estados Unidos só tiveram duas crises econômicas graves (que começaram em 1819 e em 1837) e a Inglaterra teve quatro (que começaram em 1815, 1825, 1836, 1847). Na última metade do século, as crises ficaram mais graves e aumentaram para cinco, nos Estados Unidos (começando em 1854, 1857, 1873, 1884 e 1893), e seis, na Inglaterra (começando em 1857, 1866, 1873, 1882, 1890 e 1900). No século XX, a situação ficou pior. Depressões cada vez mais frequentes infestaram o capitalismo, tendo culminado com a Grande Depressão dos anos 30". (HUNT, 1981, p. 428)

temporário, conforme havia sido premeditada pela escola clássica e neoclássica, mas sim permanente.

Assim, o tema do atraso econômico originalmente discutido por estes teóricos a princípio foi enxergado com “estranheza” pelos economistas neoclássicos, no centro capitalista. Porém, para a periferia capitalista foi o ensejo adequado para que em conjunto com a teoria cepalina fosse possível estabelecer o diálogo e a “circulação de idéias” do centro capitalista para a periferia.

No Brasil, no período do pós Segunda Guerra Mundial, houve forte agitação no plano das idéias. O problema do atraso econômico no Brasil foi identificado pela *intelligentsia* nacional vinculado à esfera econômica. Cito Roberto Simonsen que sistematizou o problema do atraso no Brasil como produto de um subcapitalismo promíscuo em nosso país.

Busco compreender que no “calor do momento”, estabelecido pela “disputa de idéias”, composta de um lado pela corrente liberal – adepta da “vocação agrária” e do outro, pelos desenvolvimentistas – tinham como ideário o projeto de industrialização, as teses do atraso econômico oriundas do centro capitalista iluminaram e permitiu o diálogo dos teóricos do centro capitalista com a *intelligentsia* nacional (BIELSCHOWSKY, 2003).

Neste ínterim, considero que o transito de idéias dos teóricos do centro capitalista na periferia capitalista se difundiu. Nesse sentido, proponho-me buscar compreender em que nível existe um diálogo, ou até mesmo influência das teses do atraso econômico de Rostow, Nurkse e Myrdal, do centro capitalista, com a Teoria do Desenvolvimento de Furtado.

Pela amplitude do pensamento de Celso Furtado e sua vasta produção bibliográfica, a intenção deste artigo foi ater-se ao período 1950 a 1967, na chamada primeira fase do seu pensamento². A escolha de Rostow, Nurkse e Myrdal não foi aleatória. A escolha obedeceu as seguintes normas: este grupo de teóricos é considerado a matriz da construção das teses do atraso econômico; as confecções das suas respectivas obras foram feitas em um mesmo período, o que permitiu a interlocução entre elas.

² Ver CEPÊDA 1998, 2001. De acordo com a autora o pensamento de Celso Furtado compreende três fases distintas. O primeiro momento compreende o começo da sua carreira até o Golpe de 1964 e sua principal marca é o otimismo e a esperança em reconhecer que a herança deixada pela colonização (geradoras do quadro do subdesenvolvimento) são passíveis de superação – é a crença no potencial do desenvolvimento nacional. O segundo momento inicia-se após o Golpe Militar, quando Furtado é exilado. Neste momento Furtado observa que “a pior das alternativas” no cenário brasileiro do início dos anos 60 havia logrado sucesso, constituindo um regime político fechado, sem o direito à participação política dos indivíduos. Finalmente, a segunda metade da década de 1980 marca a sua terceira fase, o esforço memorialista e depois abraçando uma revisão dos principais temas da década de 1950-1960 em sua correlação com os novos desafios impostos pelo capitalismo globalizado.

A escolha pela Teoria do Desenvolvimento de Furtado deve ao fato de ser uma teoria *suis generis*, que corresponde às particularidades da formação e aos problemas estruturais da economia brasileira.

2. As teses do atraso econômico do centro capitalista

Nesta seção será pontuado os principais aspectos das teses do atraso econômico produzidas no centro capitalista, de Rostow, Nurkse e Myrdal.

A tese de Walt Rostow (1974) está emparelhada pelas cinco etapas do desenvolvimento econômico: sociedade tradicional, pré-condições do arranco, arranco, fase da maturidade e consumo em massa. O teórico afirma que os países subdesenvolvidos estão estagnados na sociedade tradicional, cujas condições, estão sedimentadas pela rígida estrutura social, escassez de demanda agrícola e industrial, insuficiência de investimento em capital social fixo. Segundo Rostow os países subdesenvolvidos precisam alcançar inicialmente a etapa de decolagem (*take-off*), considerada a etapa que marca a transição de uma economia atrasada para uma economia industrial.

A decolagem pode ser alcançada somente se a economia obtiver incremento na taxa de investimento produtivo; desenvolvimento de um ou dois setores manufaturados básicos; aproveitamento dos impulsos expansionistas do setor moderno exterior. Em outras palavras, a tese de Rostow (1974) está direcionada para o desenvolvimento setorial de uma economia. De modo que, o investimento em um ou dois setores estratégicos (setor de transformação) irá proporcionar crescimento para os demais setores da economia.

Pretendo destacar alguns pontos da tese de Ragnar Nurkse. O seu diagnóstico da condição de subdesenvolvimento envolve o “*círculo vicioso da pobreza*”, condição imposta pelas péssimas condições de trabalho ao indivíduo. O “*desemprego disfarçado*” é corrente em economias agrárias superpovoadas, cuja produtividade é limitada. A “*poupança oculta*” é característica do grande contingente de mão-de-obra no campo, cuja produtividade é desorganizada e pequena, o que resulta em uma baixa *renda per capita*. O “efeito de demonstração” atrai os indivíduos a consumirem seguindo o padrão dos países desenvolvidos, direcionando assim, todo o lucro auferido pelos produtores em formas de consumo supérfluos (NURKSE, 1957).

O prognóstico elaborado por Nurkse (1957) para superar o subdesenvolvimento, é emplacar o projeto de industrialização por meio do crescimento equilibrado na economia. A

industrialização traz dinamicidade para a economia e o crescimento equilibrado aumenta a produtividade em todos os setores da economia, o que possibilita a produção criar a sua própria demanda.

Dos três teóricos analisados, Myrdal pode ser considerado o que mais ultrapassou do plano da economia pura para uma concepção mais sociológica e política dos problemas do desenvolvimento econômico. Por conta disso, considera o teórico que o Estado é agente capaz de atuar ativamente na formulação de políticas econômicas e por meio da sua intervenção na economia, para o sucesso do crescimento econômico de um país. Através do conceito “*causação circular* (cumulativa)”, Myrdal utiliza em sua análise variáveis econômicas e não-econômicas. A causação circular pode produzir desde “*efeitos progressivos*” como “*efeitos regressivos*” em uma economia (MYRDAL, 1968).

A tese de Gunnar Myrdal permite que seja possível transitar entre a esfera da economia para a política. É diagnosticado por Myrdal, que os países subdesenvolvidos são propensos ao fenômeno do “*círculo vicioso da pobreza*”, principalmente porque, não há industrialização. A integração nacional nestes países é fraca, dada sua natureza primário-exportadora, o que gera desigualdades regionais (MYRDAL, 1968).

Na tese de Myrdal (1968), as desigualdades regionais devem ser solucionadas pela formulação de uma política econômica nacional. Os investimentos devem ser direcionados em setores estratégicos (setor de transformação), de modo que, a partir do crescimento deste setor, a tendência é que proporcione os “efeitos progressivos” no interior do país subdesenvolvido.

A difusão dos “efeitos progressivos” é a chave para sanar as desigualdades regionais no interior de um país atrasado economicamente. A tese de Myrdal coloca que sem a democracia não é possível alcançar o desenvolvimento econômico (MYRDAL, 1968).

3. A Teoria do Desenvolvimento da periferia capitalista

As respectivas teses de Rostow, Nurkse e Myrdal, tiveram grande difusão após a Segunda Guerra Mundial. Inaugurou uma nova corrente na economia, até então pouco discutida pelos governos. A chegada destas teses ao Brasil aliado ao contexto histórico que perpassava a economia brasileira foi determinante, para sedimentar e consolidar os estudos e pesquisas, acerca do subdesenvolvimento.

Celso Furtado foi um dos teóricos brasileiros que cedo dialogou com estas teses sobre o fenômeno do subdesenvolvimento e este diálogo foi fundamental para a construção, aprimoramento e diferenciação de sua “Teoria do Desenvolvimento”. A sua proximidade com os três teóricos do subdesenvolvimento deu-se pelo acesso coetâneo às primeiras versões dos trabalhos de Rostow, Nurkse e Myrdal, e também pela oportunidade de conhecê-los pessoalmente e, e em alguns casos, pela realização do debate público sobre estas teses.

Como parte da elaboração furtadiana da teoria do subdesenvolvimento, Furtado deu seu primeiro passo reelaborando (sob novas e inéditas bases: o enfoque histórico-econômico) a interpretação sobre a *formação* do Brasil. Nesta, partiu dos ciclos econômicos da economia brasileira até a formulação do diagnóstico sobre a realidade brasileira nos anos finais da década de 1950.

Desde o final da década de 1950, Furtado (1960) apresenta a condição de heterogeneidade da economia nacional. O termo heterogêneo condiz, com amplas disparidades econômicas entre as regiões dentro do Brasil (região Nordeste e Centro-Sul) ao baixo grau de integração interna, derivado do baixo coeficiente de acumulação de poupança, o que está atrelado ao fenômeno do “*efeito de demonstração*”.

Furtado (1963) explicita que os países subdesenvolvidos têm ampla dependência dos países produtores de tecnologia. A condição do subdesenvolvimento na concepção de Furtado não é apenas uma economia pautada pelo setor agrário, mas uma situação contínua e cumulativa que tende a se agravar quando a estrutura capitalista moderna se sobrepõe a uma prévia estrutura pré-capitalista. Na sociedade brasileira, essa situação originou o fenômeno do “dualismo”, o crescimento econômico intercalou entre o setor dinâmico (indústria) com o setor tradicional (agrícola).

A introdução de uma inovação tecnológica, segundo Furtado (1964) tem caráter dinâmico numa cultura material, irá culminar em um rearranjo na cadeia de eventos, em outras palavras, a inovação tecnológica põe em marcha um processo de reajustes, tanto sociais, quanto produtivos. Adverte o teórico, mudanças na cultura não material (no sistema de valores sociais) se efetuam em um processo mais lento do que as transformações no sistema de produção, esse descompasso na rápida absorção de inovações pode causar uma grande tensão, no sentido de reproduzir as “*tensões psicossociais*”.

Uma suposta alternativa pelo qual Furtado (1964) acredita para a saída do subdesenvolvimento da economia brasileira é pela participação do Estado na formulação de políticas econômicas que visem à industrialização. Entretanto, a industrialização precisa ser introjetada em conjunto com a conscientização das classes sociais, de modo que, seja evitado

que uma minoria ocupe o poder. Furtado compreende que o subdesenvolvimento é um problema na estrutura social brasileira.

Adverte Furtado (1964), as políticas de substituição de importações tem um ponto de saturação. A via das reformas políticas é a alternativa para reformulação das políticas de substituição de importações, a ponto delas não se esgotarem. A preocupação de Furtado, não é apenas pela questão estrutural da economia, mas essencialmente pela democracia. A reforma política visa aumentar a representatividade dos órgãos que atuam em nome do povo. Alcançado este patamar de democracia, as demais modificações do marco institucional poderão ser instaladas sem tensões no regime político.

A “Teoria do Desenvolvimento” de Celso Furtado vai além do diagnóstico da questão do subdesenvolvimento no Brasil. É formulada uma teoria sobre o fenômeno da expansão do capitalismo e sua inserção em sociedades capitalistas. O estudo de Furtado corresponde ao desenvolvimento nas economias industriais e de como estas superaram o atraso econômico nos últimos cem anos (CEPÊDA, 2009)

O desenvolvimento na concepção de Furtado (2000), somente é engendrado em uma sociedade quando todos os setores alcançarem o mesmo patamar do progresso. Subseqüentemente, alcançado este estágio é intensificada a produtividade, em paralelo com o processo de modificações estruturais (distribuição de renda, elevação da difusão das inovações técnicas). Por fim, há homogeneização dos padrões de consumo, o que intensifica a difusão de inovações.

O capitalismo para Furtado (2000) possui três diferentes expansões: a primeira foi a Primeira Revolução Industrial na Europa; a segunda é o deslocamento da mão-de-obra, capital e técnica para regiões com mão-de-obra e terras desocupadas (Canadá, Estados Unidos, Austrália), preserva o modo de produção do capitalismo moderno; a terceira é a inserção do capitalismo em regiões com estrutura pré-capitalista, que desencadeou as conseqüências para a formação de estruturas dualistas.

Nesta perspectiva, o conceito de subdesenvolvimento é considerado por Furtado (2000), um processo histórico autônomo e não uma etapa pelo qual os países subdesenvolvidos tenham que passar para alcançar o desenvolvimento econômico. Sintetiza Furtado, o subdesenvolvimento é o resultado da expansão das economias que estão pleiteando utilizar recursos naturais e mão-de-obra de áreas de economias pré-capitalista, para o seu próprio proveito.

4. Comparação das teses do atraso econômico com a Teoria do Desenvolvimento de Furtado

Nesta seção busca-se fazer o confronto das idéias, que estão contidas nas teses de Rostow, Nurkse e Myrdal com a Teoria do Desenvolvimento de Furtado. Os objetivos que são buscados com esta comparação é “avaliar” em que medida há a aproximação do diálogo de Furtado com as teses do atraso econômico de Rostow, Nurkse e Myrdal, e de que forma Furtado incorpora parte deste discurso (dos teóricos do centro capitalista) e inova ao produzir a sua Teoria do Desenvolvimento.

Por se tratar de um artigo, foi propositalmente reduzido o quadro comparativo que aborda as teses de Rostow, Nurkse e Myrdal com a Teoria do Desenvolvimento de Furtado. Por conta disso, selecionou-se algumas categorias para empreender esta análise comparativa.

1. Comparação do conceito de atraso econômico presente nas teses de Rostow com o conceito de subdesenvolvimento presente na Teoria do Desenvolvimento de Furtado;
2. Comparação do conceito de subdesenvolvimento presente na tese de Nurkse com o conceito de subdesenvolvimento presente na Teoria do Desenvolvimento de Furtado;
3. Comparação do sentido da integração regional na tese de Myrdal com o sentido do mesmo termo na Teoria do Desenvolvimento de Furtado.

4.1 A tese da decolagem permite os países subdesenvolvidos alçar vôo?

Relembro que na concepção de Rostow o atraso econômico origina-se de um país ou região em estado de estagnação econômica, que permanece presa à sociedade tradicional. Pode-se discernir que o método empregado por Rostow, faseológico do crescimento, coloca o atraso econômico como uma etapa a ser superada para alcançar o desenvolvimento.

As principais ferramentas utilizadas por Rostow para um país avançar para a próxima etapa do crescimento econômico é conciliar a “decolagem” (*take-off*) com investimentos estrangeiros. Assim coloca Rostow (1974), “*A existência ou a rápida eclosão de um arcabouço político, social e institucional que aproveite os impulsos expansionistas do setor moderno e os efeitos potenciais das economias externas do arranco e imprima ao desenvolvimento um caráter constante*”.

Recomenda Rostow (1974) que em sua política para o crescimento econômico, a exemplo de alguns países (os Estados Unidos, Rússia e Canadá) que realizaram a passagem

das pré-condições para a decolagem, o principal vetor para captar capital e formar poupança interna durante as precondições sejam os investimentos estrangeiros.

Os pontos em que Furtado se aproximou da tese de Rostow foram poucos. Destaco que somente é plausível uma possível comparação do atraso econômico em Rostow quando associá-lo com o Brasil colônia de Furtado. Pois, para Rostow o atraso econômico está em uma sociedade feudal, desprovida do setor moderno (a indústria de transformação). Na tese de Rostow não há atraso econômico em um país industrializado ou em processo de industrialização.

Por conta disso, se fosse possível fazer um paralelo da tese de Rostow, considerando a primeira etapa do crescimento econômico, da sociedade tradicional, com a Teoria de Furtado, teria-se que recorrer ao Brasil colonial, apesar das enormes disparidades na estrutura do Brasil colonial em relação ao feudalismo que existiu na Europa³.

É importante frisar, que apesar do Brasil não ter passado pela sociedade feudal, uma possível comparação do Brasil colônia com a sociedade feudal na Europa, poderia se justificar pela estrutura rígida da sociedade, pela produção de produtos primários, pelo reduzido mercado interno e pela ausência de um setor de transformação, seja capaz de dar dinamicidade para a economia.

Com base na obra de Furtado, *Economia Brasileira*, de 1954 e *Formação Econômica do Brasil*, de 1959, pode-se tirar algumas conclusões em relação à comparação do atraso econômico em Rostow.

Primeiro, na sociedade tradicional descrita por Rostow há escassez de demanda agrícola e industrial. Para Furtado (1954), a escassez da demanda agrícola e industrial é dada no mercado interno. O setor primário-exportador é dinâmico, pois ao atender a demanda externa auferi lucros que são direcionados para a importação de produtos, para o consumo das elites. Ou seja, no modelo do subdesenvolvimento no Brasil caracteriza-se por um setor que ainda carrega a estrutura pré-capitalista (o mercado interno), e outro setor que é dinâmico, do ponto de vista que integra-se ao mercado internacional e usufrui das suas “vantagens competitivas”, ao satisfazer o desejo de consumo da elite.

Na tese de Rostow não há indícios deste tipo de estrutura em uma sociedade como presente no pensamento furtadiano. Para Rostow a trajetória do crescimento econômico de um país é um só, deve necessariamente passar pelas cinco etapas do crescimento econômico

³ Ressalto que há uma profunda diferença na estrutura econômica, social e política da sociedade feudal, que engendrou-se na Europa em relação à colônia de exploração estabelecida no Brasil, sob a tutela da metrópole Portugal.

(supracitadas). Em sentido oposto, Furtado não aceita esse modelo faseológico, pois o subdesenvolvimento concilia focos de pobreza e dinamicidade em um mesmo território, o subdesenvolvimento é autônomo e não uma etapa a ser superada para alcançar o desenvolvimento econômico.

Pode-se discernir que para Rostow o capitalismo é único, isto é, a sociedade tradicional é uma etapa que obrigatoriamente todos os países têm que passar para alcançar o desenvolvimento. Há em sua tese a sistematização do modelo de crescimento “pronto e acabado”. Em sentido oposto, para Furtado existe pelo menos dois tipos de capitalismo em um país. O economista brasileiro fala da estrutura pré-capitalista que permanece incandescente, onde as formas de capitalismo moderno não chegaram e a estrutura capitalista moderna, onde está instalada o setor primário-exportador e a indústria. Dessa maneira, para Furtado é possível enquadrar o tipo da estrutura da economia brasileira, como um modelo híbrido.

Um possível ponto de aproximação da tese de Rostow com a Teoria do Desenvolvimento de Furtado é dado pela “brecha histórica”. De modo mais claro, a “decolagem” somente enquadra-se nas economias subdesenvolvidas quando há “brecha histórica”. Recordo como exemplo de “brecha histórica” em que o Brasil⁴ passou os efeitos da crise de 1930 e o pós Segunda Guerra Mundial.

Embora sejam momentos completamente diferentes, o Brasil soube aproveitar a brecha deixada pela redução da produtividade e elevado custo desta para as economias centrais capitalistas, ao utilizar a capacidade ociosa da indústria nacional e o seu mercado interno. Assim, a política de substituição de importações conciliou no momento oportuno a instalação de indústrias de bens de consumo não-duráveis e o seu promissor mercado interno.

Por conta disso, Rostow se aproxima do “grande tema” do Subdesenvolvimento, porém sua tese não está em alinhamento com os países que tem o subdesenvolvimento inserido em sua natureza, a exemplo do Brasil e da América Latina.

⁴ A crise de 1929 para as economias centrais capitalistas representou redução da produção de produtos e o aumento dos seus preços. O mercado interno no Brasil foi privilegiado graças à indústria ociosa que estava instalada e pela substituição de importações.

Tabela Comparativa 1 – Celso Furtado e Walt Rostow

Variáveis comparadas	Walt Rostow	A teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado (1950-1967)
Conceito de subdesenvolvimento	Não há. Vincula a primeira etapa do crescimento econômico – a sociedade tradicional (feudal).	Discorda. Não é um elemento estacionário na economia, ele está em constante mutação, propenso sempre a suscitar os desequilíbrios internos e externos. E ainda o subdesenvolvimento pode ser classificado em três níveis de complexidade ⁵ .
Crescimento econômico	A tese da decolagem: aumento da taxa de investimento produtivo; desenvolvimento de um ou mais setores manufaturados; a necessidade de instituições que absorvam as benfeitorias do crescimento econômico.	Discorda. É preciso formular uma teoria do subdesenvolvimento que atenda as peculiaridades dos países subdesenvolvidos.
Comércio exterior	Tem importante papel para o impulso da decolagem, por meio do capital proveniente do comércio exterior.	Discorda. Embora o impulso externo seja benéfico os setores diretamente ligados ao comércio exterior, ele por si só, não é capaz de gerar desenvolvimento.
Desenvolvimento econômico	Não há. A tese do crescimento econômico é amparada por um modelo único de crescimento, não considera a diferença que há nas estruturas dos países desenvolvidos e nos subdesenvolvidos	A política de desenvolvimento deve ser de natureza qualitativa: exige um conhecimento da dinâmica das estruturas que escapa à análise econômica convencional.
Método de pesquisa	Enfoque faseológico do desenvolvimento.	Histórico-estrutural
Presença do Estado na economia	Somente em um contexto de crises econômicas do capitalismo ou de guerra. O Estado deve investir em um setor estratégico da economia.	Protagonista na intervenção na economia.

Fonte: Baseado em ROSTOW (1961), FURTADO (1954), FURTADO (1958), FURTADO (1959), FURTADO (1961), FURTADO (1967).

⁵ Subdivide em três diferentes níveis de complexidade: predominam as atividades de subsistência e é reduzido o fluxo monetário; as atividades diretamente ligadas ao comércio exterior; se prendem ao mercado interno de produtos manufaturados de consumo geral.

4.2 Choque de idéias! A releitura do antigo debate

A comparação que foi proposta estabelecer aqui entre Nurkse e Furtado pode ser muito bem lembrada pelas memórias autobiográficas de Furtado, *A fantasia organizada*, pelas acaloradas conferências proferidas por Nurkse, em 1951, no Brasil. Foram seis conferências ministradas por Nurkse, cujo tema central foi o intercâmbio comercial entre países produtores de matérias-primas e países industrializados.

A concepção de Nurkse sobre o subdesenvolvimento é mais próxima da Teoria do Desenvolvimento de Furtado, se comparada com a concepção de Rostow. Porém mantém discordância com a Teoria de Furtado conforme será apresentado.

Para Nurkse a questão da formação de capital tem sido fundamental nas discussões nas chamadas “áreas subdesenvolvidas”. *“A formação de capital processa-se quando a sociedade não aplica toda a sua atividade produtiva corrente em necessidades e desejos de consumo imediato, mas dirige uma parte dela à criação de bens de produção”* (NURKSE, 1957, p. 4).

A tese do subdesenvolvimento de Nurkse tem como premissa a dificuldade na formação de capital em países subdesenvolvidos. Na concepção de Nurkse os países subdesenvolvidos estão envolvidos pelo “círculo vicioso da pobreza”. *“Implica ele numa constelação circular de forças, tendendo a agir e reagir uma sobre a outra de tal modo a conservar um país pobre em estado de pobreza.”* (NURKSE, 1957, P.8)

O subdesenvolvimento para Nurkse (1957) pode se manifestar em países superpovoados e com escassez de população. Nestes, o subdesenvolvimento é caracterizado pelo “desemprego disfarçado”, que é um fenômeno de massa inserido em economias predominantemente agrárias e superpovoadas, o que resulta na poupança oculta.

No caso dos países com escassez de população, para Nurkse (1957) o subdesenvolvimento é configurado pela reduzida população e pela especialização na agricultura. A escassez da formação de capital é produto da baixa produtividade de produtos agrícolas. É sugerido por Nurkse, o aperfeiçoamento das técnicas e dos métodos da produção agrícola. A melhoria das técnicas na produtividade agrícola é prioridade, pois a maior porcentagem da população nestes países permanece em postos de trabalhos presos à agricultura.

Para Furtado (1963) o subdesenvolvimento assume uma complexidade maior do que em Nurkse. No pensamento furtadiano, é possível existir o subdesenvolvimento em países que possuem um núcleo industrial, o subdesenvolvimento passa a coexistir em três setores.

“No primeiro, predominam as atividades de subsistência e é reduzido o fluxo monetário; no segundo estão as atividades diretamente ligadas ao comércio exterior; no terceiro, finalmente, as que se prendem ao mercado interno de produtos manufaturados de consumo geral. Depara-se-nos, portanto, um tipo de estrutura econômica subdesenvolvida bem mais complexo que o da simples coexistência de empresas estrangeiras com remanescentes de um sistema pré-capitalista”. (FURTADO, 1963, p. 189)

O núcleo industrial moderno instalado nas economias subdesenvolvidas é considerado por Furtado (1963) o fator que propicia as reações cumulativas na estrutura da sociedade. O fator dinâmico da economia é a procura externa, cujo lucro auferido é reinvestido nas indústrias.

Não obstante, a expansão do setor exportador está correlacionada com o aumento das importações incentivadas pelas elites. A expansão das importações de produtos industriais pela elite reduz o capital para investimento em infra-estrutura e na indústria nacional, a economia cai na armadilha teórica do “efeito de demonstração” (FURTADO, 1963).

A etapa superior do subdesenvolvimento descrita por Furtado (1963) diversifica a produção de equipamentos industriais e este passa a produzir parte dos equipamentos requisitados, para a expansão da sua capacidade produtiva. O processo de desenvolvimento nas economias subdesenvolvidas continua a ser as políticas substitutivas, o fator dinâmico está repousado sobre a indução externa e não nas inovações introduzidas nos processos produtivos, como em economias desenvolvidas. No entanto, como o sistema é capaz de produzir bens de capital de que necessita para a expansão da sua capacidade produtiva, existe a tendência de continuar o crescimento econômico. Porém, em tais condições o desenvolvimento é operado por forte pressão inflacionária.

Novamente chamo a atenção para outro ponto de similaridade de Furtado com relação a tese de Nurkse, é o “efeito de demonstração”. Nurkse coloca da seguinte forma, existem dois pólos diferentes nos países subdesenvolvidos. Um deles é o setor primário-exportador comandado pelos empresários e o outro é a pobreza dos consumidores locais. A população nos países subdesenvolvidos possui reduzida poupança doméstica, consequência do baixo nível de renda da população e o mau emprego da poupança da elite em consumo de produtos importados, consequência do “efeito de demonstração”.

Outro ponto de proximidade da tese de Nurkse na Teoria do Desenvolvimento de Furtado diz respeito ao “crescimento equilibrado”. É depositado confiança nesta alternativa por Furtado (2000), que prega projetos industriais de modo integral na economia subdesenvolvida. Como os empresários não possuem condições de romper com a inércia

inicial que oferecem as estruturas subdesenvolvidas, torna-se essencial a promoção por parte do Estado de políticas econômicas.

Entende Furtado (2000), que a tese do “crescimento equilibrado”, do qual Nurkse é signatário, propõe a ação embasada pelo projeto de industrialização, tendo em vista que as exportações de produtos primários são fracas ou nulas nos países subdesenvolvidos, em todos os setores, de forma que possibilite um crescimento equilibrado para que satisfaça a procura global e seja diversificada com a expansão de renda.

Tabela Comparativa 2 – Celso Furtado e Ragnar Nurkse.

Variáveis comparadas	Ragnar Nurkse	A teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado (1950-1967)
Subdesenvolvimento	A dificuldade na formação de capital em países subdesenvolvidos, que estão envolvidos pelo “círculo vicioso da pobreza”. Pode se manifestar em países densamente povoados e com escassez de população.	Discorda. Subdivide em três diferentes níveis de complexidade: predominam as atividades de subsistência e é reduzido o fluxo monetário; as atividades diretamente ligadas ao comércio exterior; se prendem ao mercado interno de produtos manufaturados de consumo geral.
Pequenez do mercado interno em países subdesenvolvidos	Inibe a inversão de capital no mercado interno, em razão da limitada capacidade de absorção do mercado.	Discorda. Há inexistência de um mercado externo em expansão nas economias subdesenvolvidas. Porém, se houver aumento da demanda do mercado externo provocará impulso e aumento na produtividade da economia subdesenvolvida, gerando aumento da sua renda e proporcionando capital para investir no seu mercado interno.
Comércio exterior	Reprime a política isolacionista, priorizando para tanto, a integração do país subdesenvolvido ao comércio internacional.	Concorda. A expansão do comércio exterior não é causa suficiente para o desenvolvimento, mas pode ser uma condição necessária para que o mesmo efetive-se. O aumento da produtividade pelo comércio exterior apenas providenciará lucros para poucos, que estarão propensos a seguir o padrão do consumo dos países desenvolvidos.
Método de pesquisa	Reúne a teoria do comércio e do desenvolvimento em sua abordagem.	Histórico-estruturalista
Desenvolvimento econômico	Crescimento equilibrado	Concorda.

Fonte: Baseado em NURKSE, (1957); FURTADO, (1954); FURTADO, (1963); FURTADO, (1967); FURTADO, (2010).

4.3 O subdesenvolvimento, enquanto questão política

Dentro os três autores dos países centrais capitalistas analisados é possível considerar que foi Myrdal o primeiro teórico que Furtado teve contato. Retomando a autobiografia de Furtado (1985), o economista cita que após a Segunda Guerra Mundial nutria grande vontade por retornar à Europa. Este retorno possibilitou a Furtado ter contato com as técnicas de planificação, que estavam sendo implantadas na reconstrução da Europa. A frente desta empreendedora tarefa estava Myrdal, que ocupava o cargo de secretário executivo da Comissão Econômica das Nações Unidas na Europa.

Nesse sentido, pretendo dar ênfase para a comparação do sentido da integração regional que está presente na tese de Myrdal com o sentido dado por Furtado em sua Teoria do Desenvolvimento.

Conforme foi destacado anteriormente, Myrdal (1968) embasa-se no conceito de círculo vicioso da pobreza para expor o grau da pobreza e miséria nos países subdesenvolvidos. Para Myrdal, a integração nacional é considerada uma possível saída da condição de subdesenvolvimento. A integração nacional rechaça as desigualdades internacionais, que tem culminado no desnivelamento entre as nações, ilustrado pelo baixo poder de barganha dos países periféricos.

O atraso econômico, cultural nos países subdesenvolvidos, a dominação econômica estrangeira e o colonialismo político são conseqüências da frouxa relação entre os países subdesenvolvidos. Não há uma política que integre os países subdesenvolvidos, é preciso ter maior integração regional (MYRDAL, 1968).

“Até o presente não há, a bem dizer, cooperação econômica entre os países subdesenvolvidos, e a base para que se estabeleça é fraca, uma vez que a situação inicial é quase completa falta de relações econômicas e, muitas vezes, de reais facilidades de transporte. Todavia, no plano político mais geral, está em marcha crescente solidariedade entre os países subdesenvolvidos, que tende a tornar-se uma das grandes forças da História. Têm em comum as reminiscências da dominação e da exploração estrangeira, profunda compreensão da pobreza e da desigualdade internacional e a ambição de conseguir participar mais intensamente das oportunidades mundiais”. (MYRDAL, 1968. p. 111)

Para Myrdal, a política de integração regional entre os países pobres aumenta o poder de barganha destes com os países ricos e a fortificação desta integração pode chegar a tal ponto, que passaria a ser interessante para os países ricos estabelecerem relações frutíferas com os países pobres.

A integração de economias subdesenvolvidas para Furtado (2000) assume várias situações. A primeira que Furtado salienta é com relação aos países que sofrem da ausência do processo de industrialização e de mercados internos reduzidos. Nesta situação, a integração tende a favorecer desigualmente os países, seguindo a tendência de concentração dos frutos do desenvolvimento em determinada região.

No segundo caso, Furtado (2000) coloca que é o de integração de economias em graus distintos de industrialização. Caso um dos países detenha uma produção em escala, a integração beneficiará o país mais industrializado. Mesmo se o nível de industrialização for o mesmo entre os países a integração favorecerá o país que localiza as suas indústrias que mais se beneficia as economias de escala de produção.

O terceiro caso ocorre quando as economias que integram o processo possuem capacidade ociosa em indústrias complementares, ou em indústrias que competem com os produtos importados, os benefícios serão mais visíveis. Porém, se um país com o setor com capacidade ociosa compete com a indústria semi-artesanal do outro país, os benefícios se concentraram em um país e reduzirá a renda real do outro (FURTADO, 2000).

Aprecia Furtado (2000) que teoria da integração constitui uma etapa superior da teoria do desenvolvimento e da política de integração, uma forma avançada de política de desenvolvimento. Portanto, o planejamento de integração surge como uma forma mais complexa de coordenação das decisões econômicas. Assim, tratando-se de economias subdesenvolvidas a integração não planejada tende a gerar os desequilíbrios regionais, isto é, a concentração de renda.

“Levando-se em conta que a adoção de políticas de tipo qualitativo, para não falar de reformas estruturais em profundidade, será sempre mais difícil num sistema multinacional integrado do que numa economia nacional, cabe reconhecer que o processo integracionista pode, em certos casos, tornar ainda mais difícil a superação do subdesenvolvimento” (FURTADO, 2000, p. 332).

Dessa forma, conforme expôs Furtado a política integracionista não deve ser aplicada em países subdesenvolvidos precavidamente. Para Myrdal, ao que parece o processo de integração parece benéfico, para incentivar os “efeitos progressivos” nas economias subdesenvolvidas e aumentar o poder de barganha dos países subdesenvolvidos com os países desenvolvidos.

Reforço o argumento de Furtado (2000), de que é preciso ter precaução em estabelecer a política da integração, pois é considerada como uma etapa superior para a Teoria do Desenvolvimento. Em outras palavras, Furtado estabelece que o processo de integração deve

ser estabelecido quando as economias subdesenvolvidas estiverem alcançado o desenvolvimento econômico e estiverem equiparadas no nível de desenvolvimento.

Tabela comparativa 3 – Celso Furtado e Gunnar Myrdal.

Variáveis comparadas	Gunnar Myrdal	A teoria do Subdesenvolvimento de Celso Furtado (1950-1967)
Subdesenvolvimento	O processo acumulativo propõe que o “círculo vicioso da pobreza”, que está inserido em países subdesenvolvidos, reproduz os chamados “efeitos regressivos”.	Discorda. Subdivide-se em três diferentes níveis de complexidade: predominam as atividades de subsistência e é reduzido o fluxo monetário; as atividades são diretamente ligadas ao comércio exterior; se prendem ao mercado interno de produtos manufaturados de consumo geral.
Relação de dependência dos países subdesenvolvidos com os países desenvolvidos	Dependência das colônias em relação às metrópoles, repercutindo na transferência de idéias, cultura e principalmente das políticas de desenvolvimento econômico.	Discorda. O conceito de dependência dos países subdesenvolvidos com os desenvolvidos está associado a um primeiro momento à dependência de cunho econômica. Posteriormente esta dependência assume um caráter cultural. O padrão de consumo da minoria nos países subdesenvolvidos é igual ao padrão exercido nos países desenvolvidos.
Atuação do Estado	Primordial. A ausência do Estado na economia poderia acarretar intensificação do desenvolvimento desequilibrado, resulta nas desigualdades regionais.	Concorda. Acentua que é preciso reformar administrativas, em conjunto com a ação do Estado em formular políticas econômicas.
Método de pesquisa	A causação circular dos processos acumulativos	Histórico-Estrutural
Desenvolvimento Econômico	Desenvolvimento setorial. Os “efeitos propulsores” em conjunto com a atuação do Estado, por meio de políticas econômicas. Conciliando a democracia com o desenvolvimento econômico.	Discorda. Propõe o crescimento equilibrado.
Políticas para a integração nacional	Firmada entre os países pobres aumenta o poder de barganha destes com os países ricos e a fortificação desta integração pode chegar a tal ponto, que passaria a ser interessante para os países ricos estabelecerem relações frutíferas com os países pobres.	Discorda. É a etapa superior da teoria do desenvolvimento, uma forma avançada de política de desenvolvimento. O planejamento de integração surge como uma forma mais complexa de coordenação das decisões econômicas. Para as economias subdesenvolvidas a integração não planejada tende a gerar os desequilíbrios regionais.

Fonte: Baseado em MYRDAL, (1965); FURTADO, (1954); FURTADO, (1964); FURTADO, (1967).

5. Considerações Finais

Restrinjo-me, portanto, a lembrar que Rostow, Nurkse e Myrdal foram ousados, ao romper com a interpretação da escola neoclássica sobre o desenvolvimento econômico. As teses destes teóricos estabeleceram importante diálogo (em diferentes níveis) com os teóricos da América Latina, incluindo os intelectuais da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Por conta disso, que a “circulação das idéias” pode ser considerada o *leitmotiv* que colaborou para abertura do diálogo entre Rostow, Nurkse, Myrdal com os teóricos latino-americanos, em específico com Furtado, que soube aproveitar-se da melhor maneira este trânsito de idéias.

Dizer que Furtado foi um signatário das teses de Rostow, Nurkse e Myrdal poderia ser considerado um grande equívoco. Justamente porque para estes teóricos do centro capitalista em determinados momentos aproxima a suas respectivas teses da realidade da periferia capitalista, mesclado com um grande teor de abstracionismo.

Nota-se ainda que, para Rostow, Nurkse e Myrdal o subdesenvolvimento está associado a uma realidade oposta do que a averiguada na América Latina. Por exemplo, para Rostow a sua atenção esteve em analisar o processo de crescimento das grandes potências mundiais (Grã-Bretanha, França, Estados Unidos) e dos *late come* (Japão, Itália, Alemanha) e alguns países em processo de crescimento econômico, como a Rússia e a China.

Para Nurkse, apesar de ter fortalecido a sua tese com o forte diálogo com Prebisch e Furtado, produziu a sua tese com o olhar para os países do leste europeu e os países da África. Do outro lado, Myrdal esteve fortemente envolvido pelas pesquisas sobre desigualdades regionais nos Estados Unidos, na Ásia e nos países destruídos pela Segunda Guerra Mundial.

Essas três ressalvas acima apontadas, levam nos crer que se por um lado, Furtado não foi signatário das teses da “Tríade do Subdesenvolvimento”, por outro, Furtado como adepto do pensamento manheimiano, soube adaptar os principais conceitos desvelados por Rostow, Nurkse e Myrdal e aplicá-los de maneira mais adequada à realidade dos países latino-americanos.

Contudo, a teoria formulada por Furtado não é tão simples, ela foi produzida conforme o processo de industrialização no Brasil caminhava, de modo que, o subdesenvolvimento foi identificado como um problema estrutural para a economia e a sociedade. O subdesenvolvimento como o próprio Furtado coloca não é estacionário. No caso do Brasil, o subdesenvolvimento arraigou nas suas estruturas conforme o crescimento econômico gerou desequilíbrios, sejam internos ou externos.

Referencias Bibliográficas

- BIELSCHOWSKY, Ricardo. 2004. *Pensamento Econômico Brasileiro: O Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto.
- CÊPEDA, Vera Alves. 1998. *Raízes do pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento, nacionalidade e Estado democrático*. (Dissertação de Mestrado em Ciência Política). FFLCH/ USP.
- _____. 2001. O Pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia. In: PEREIRA, Luis Carlos Bresser (org). *A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos*. São Paulo: Editora 34.
- FURTADO, Celso. 1959. *A operação nordeste*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros.
- _____. 1960. *Perspectiva da Economia Brasileira*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DASP.
- _____. 1963. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura.
- _____. 1964. *Dialética do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- _____. 1985. *A fantasia organizada* (memórias). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. 1989. *A fantasia desfeita* (memórias). São Paulo: Paz e Terra.
- _____. 1991. *Os ares do mundo* (memórias). São Paulo: Paz e Terra.
- _____. 1997. *Obra Autobiográfica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- _____. 2000. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. 2007. *Formação Econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- HUNT, E. K. 1981. *História do pensamento econômico*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Campus.
- MYRDAL, Karl Gunnar. 1968. *Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga.
- NURKSE, Ragnar. 1957. *Problemas da Formação de Capital em Países Subdesenvolvidos*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- ROSTOW, W. W. 1967. *El proceso del crecimiento económico*. Madrid: Alianza.
- _____. 1974. *Etapas do desenvolvimento econômico (1960)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 2010. A decolagem para o crescimento autossustentado. In: Agarwala, Singh (org). *A economia do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado.